



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: As particularidades da contradição capital x trabalho no capitalismo dependente

A OFENSIVA NEOFASCISTA: ELEMENTOS PARA PENSAR A “QUESTÃO SOCIAL” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.

SARA MARTINS DE ARAUJO¹

RESUMO:

Este trabalho apresenta elaborações desenvolvidas na pesquisa de doutoramento. Trata-se de uma reflexão sobre o avanço da extrema direita na política do país e a configuração do que vem sendo denominado de *neofascismo*. Verificamos que na realidade brasileira, o neoliberalismo harmonizou-se com o autoritarismo e o punitivismo, reproduzindo um neofascismo bolsonarista que governa através da crise.

Palavras-chave: neofascismo, bolsonarismo, “questão social”.

RESUMEN:

Este trabajo presenta elaboraciones desarrolladas en el doctorado. Se trata de una reflexión sobre el avance de la extrema derecha en la política del país y la configuración de lo que se ha llamado neofascismo. En la realidad brasileña, el neoliberalismo se ha armonizado con el autoritarismo y el punitivismo, reproduciendo un neofascismo bolsonarista que gobierna a través de la crisis.

Palabras clave: neofascismo, bolsonarismo, “cuestión social”.

Prolegômenos

Este trabalho apresenta algumas elaborações e percepções desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa de elaboração de tese de doutorado. Longe de oferecer análises precipitadas, fragmentadas e/ou focalizadas, propomos a reflexão sobre determinações elementares da realidade brasileira e sua dinâmica contemporânea da nossa sociedade. Aqui centramos nossas elaborações acerca de um, dentre muitos outros itens, da totalidade da pesquisa realizada: o avanço da extrema direita na política do país e a configuração do que vem

¹ Universidade Federal de Ouro Preto



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sendo denominado de *neofascismo*. Dentro dos limites das linhas deste artigo, buscamos consubstanciar características deste processo articuladas aos fundamentos da formação histórica e social brasileira.

A partir da perspectiva materialista histórica e dialética, a consolidação do Estado moderno brasileiro é determinada pela sua atuação no processo de desenvolvimento do capitalismo internamente. Ao longo da história do nosso país, o Estado se posicionou como um importante agente dinamizador das forças produtivas e das relações de produção, sendo sua intervenção decisiva na dinâmica do modo de produção capitalista. São particularidades da formação social, política e econômica brasileira: a grande propriedade rural — que posteriormente cedeu lugar ao agronegócio; as relações de trabalho baseadas na violência, na coerção extraeconômica, na dependência e subordinação; a condição colonial, que avança para economia dependente e periférica no sistema capitalista mundial; a histórica e orgânica relação entre capital privado nacional, capital internacional e capital estatal (sempre na função de salva guardas do capital privado); e a contraditória e obtusa apropriação e/ou cooptação do Estado pela burguesia.

A formação das classes sociais foi estruturalmente impactada pelo escravismo, tanto dos povos originários quanto de homens e mulheres africanas, pela superexploração da força de trabalho marcada pela violência, controle e punição como fenômenos presentes desde as invasões coloniais. Nesse sentido, a grande propriedade privada, que se origina através da posse da terra, o poder político e econômico concentrado nas oligarquias, o coronelismo, o patrimonialismo e, sobretudo, o racismo estão nas bases fundamentais da sociedade brasileira.

O racismo é um fenômeno estrutural, o qual constitui as relações sociais dentro de um padrão de normalidade, é uma forma de racionalidade, que determina uma visão de mundo que constitui ações individuais, mas, sobretudo, políticas de Estado. Está na essência da nossa política, na economia e nas subjetividades. E quando nos referimos às subjetividades, estamos nos referindo à esfera da reprodução das relações sociais fundamentais para reprodução material do modo de produção capitalista, logo, ao modo de ser e existir, que demanda, obrigatoriamente, a submissão, a subserviência e a expropriação material e psíquica de segmentos específicos da classe trabalhadora. De maneira que, *ser branco(a)* e *o ser negro(a)* são construções sociais que definem a condição de ser ou não cidadão(ã), que são vivenciadas a partir de distinções, prerrogativas, privilégios e direitos (ou não).

Portanto, o racismo é intrínseco às relações sociais, à sociabilidade capitalista eurocentrada, branca e patriarcal. E deve ser pautado e debatido no âmbito da luta de classes,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

dentro das múltiplas determinações que inscrevem a “questão social” e as políticas sociais na sociedade brasileira. De modo que, é necessário pensar a construção do *mito da democracia racial*, o desenvolvimento e enraizamento do eugenismo, do darwinismo social, do lombrosianismo como elementos fundamentais das políticas de Estado.

Por esse motivo, a instauração do Estado Democrático de Direito (Constituição de 1988) foi atravessada pela política neoliberal, imposta como uma das soluções para a crise internacional capitalista, em conjunto com a financeirização e reestruturação econômica, transformando profundamente as relações de exploração da classe trabalhadora. Estas transformações societárias incidiram sobre a flexibilização das relações de trabalho (trabalho terceirizado, subcontratado e cada vez mais superexplorado) em escala transnacional. Neste cenário, as bases da social-democracia — considerando, dentro deste conceito, a abrangência dos direitos de cidadania e políticas de bem-estar social, aqui com suas origens tardias e frágeis — foram profundamente enfraquecidas. Destarte, no Brasil, transitamos de acordo em acordo entre as classes dominantes, a despeito de toda luta e resistência contra o autoritarismo, a tortura, a violência, a desigualdade social, a fome, o desemprego, a inequidade de gênero e cor da pele.

Neofascismo: caracterizações e conceituações possíveis (?)

Nosso ponto de partida é o entendimento que a crise no Brasil, como reflexo da crise mundial capitalista, em seus elementos internos apresenta um colapso institucional de ordem política e jurídica. E que ficou patente no processo de substituição da política da conciliação de classes, através da manipulação dos dispositivos constitucionais e dos Poderes Legislativo e Judiciário, sob o comando do capital financeiro, para a execução da agenda política e econômica para América Latina, capitaneada pelo imperialismo Estadunidense.

A crise política e econômica que se aprofundou no governo de Dilma Rousseff foi consequência da culminância dos limites de reprodução e acumulação do capital financeiro internacional. Desse modo, um extraordinário ajuste contra os direitos dos(as) trabalhadores(as) foi posto na agenda política como um fato urgente e inevitável, aguçado pelos escandalosos casos de corrupção, nos quais muitos parlamentares estavam envolvidos. O golpe orquestrado pelo Congresso Nacional, com apoio do Judiciário, do Superior Tribunal Federal e dos grandes monopólios da mídia, cumpriu seu objetivo: colocar no poder um governo que representasse diretamente as forças mais conservadoras e ofensivas do capital-imperialista, acelerando a agenda política econômica ultraneoliberal. O golpe a partir da crise é, sobretudo, uma incursão capitalista contra a classe trabalhadora no jogo da luta de classes da vida cotidiana para alcançar

seus objetivos: maior exploração da força de trabalho, privatizações e regressão de direitos sociais.

Neste contexto, nada mais emblemático que a ascensão de um “mito”. Uma figura simbólica, uma grande alegoria da farsa da democracia burguesa, que reuniu os aspectos mais vis das classes dominantes brasileiras. Desprovido de todo e qualquer pudor político, ético ou moral, que possa ter sido demarcado pelo Estado Democrático de Direito, Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República em 2018. Sua plataforma eleitoral ancorava-se na defesa de uma “nova política”, seu perfil pseudopopular, reacionário e neofascista, filiado a um partido sem uma trajetória orgânica na história política do país, com uma comunicação de massa através das redes sociais da internet — criticando e desqualificando as grandes redes de comunicação, que ainda estão submetidas às leis e regras éticas da comunicação social. Mas antes da metade do seu mandato sua forma e conteúdo autoritários e obscurantistas ficaram explícitos. Pois Bolsonaro possui como referências o neoliberalismo, a política socioeconômica das oligarquias, a aliança com os setores mais retrógrados do neopentecostalismo, além da extrema subordinação ao imperialismo estadunidense.

É importante destacar a ocorrência de um processo de ascensão da extrema direita em escala mundial desde fins da década passada. Um fenômeno que vem ganhando forças nas conjunturas de crise sequenciais do século XXI — alguns marcam a crise de 2008, outros vão um pouco mais atrás, 2001, com a queda das Torres Gêmeas nos EUA e a detonação da *guerra ao terror*. O ponto é que essa dinâmica contemporânea capitalista levou pesquisadores e pesquisadoras (dentro da perspectiva materialista histórica dialética) ao debate sobre categorias como: fascismo, autoritarismo, militarismo e, por conseguinte, a validade ou adequação do neofascismo como categoria de análise para as expressões ou representações do fascismo no século XXI.

Observamos que cientistas sociais e políticos, historiadores, assistentes sociais, enfim, uma gama de pensadores(as) e pesquisadores(as) sérios(as), comprometidos(as) com a teoria social crítica — que têm empreendido esforços em analisar o governo Bolsonaro em face da reação capitalista autoritária e reacionária — apresentam em comum a análise de que, a despeito das convergências e divergências históricas, culturais e sociais da assim chamada ofensiva da extrema direita, Bolsonaro é um neofascista (ou protofascista, o prefixo não muda a essência do significado). Portanto, a realidade brasileira atual está inscrita em um quadro mundial com

tendências que expressam sua particularidade dentro de algo que é universal. De tal modo, cabe pensar as feições e nuances deste processo que vem se desenrolando no Brasil.

Löwy (2019) abre um artigo de abril de 2020 afirmando que, nos últimos anos, houve uma “espetacular ascensão da extrema direita reacionária autoritária e/ou ‘neofascista’, que já governa metade dos países em escala planetária” e ressalta que é algo sem precedentes desde os anos de 1930. Neste processo, o Brasil participa com Jair Bolsonaro na Presidência da República. O autor elenca alguns elementos comuns neste processo, como a criação de um inimigo da nação, o nacionalismo xenofóbico, o racismo, o fundamentalismo religioso, o ódio à esquerda, a misoginia, a homofobia etc. Em cada país, essa miríade de preconceitos e ódio ao outro vai se particularizando social e culturalmente. No Brasil, o discurso da violência como único antídoto contra a própria violência atingiu significativa parcela da classe trabalhadora, que inclusive é alvo da brutalidade do Estado cotidianamente. Mas a grande chave de movimentação do neofascismo aqui, que contribuiu para a derrubada do governo Dilma Rousseff, foi o discurso anticorrupção.

Virgínia Fontes (2021) nos chama a atenção para o fato de que o nazifascismo histórico emerge de um contexto de profunda crise capitalista, mais precisamente de uma crise de hegemonia e da dinâmica necessária do capitalismo monopolista: concentração, centralização. Portanto, o nazifascismo assenta-se em relações de classes do *capital imperialismo*, é uma configuração peculiar inscrita no genoma do imperialismo. No século XXI, o protofascismo como embrião do fascismo histórico precisa ser pensado ou enfrentado, considerando-se as configurações contemporâneas da classe trabalhadora de extrema precarização disfarçada de empreendedorismo, ou subalternizada e precarizada pelos elos invisíveis dos aplicativos de internet, por exemplo. Pois o fascismo é uma exasperação do capitalismo.

Nesse sentido, como Badaró (2019, p. 168) observa, é relevante “o bolsonarismo como ideologia”, visto que a eleição de um governante neofascista não determina de imediato a instauração de um regime neofascista. Assim:

Em todos os seus postos legislativos, Bolsonaro defendeu sempre posições fascizantes, difundindo um discurso de ódio centrado em alguns elementos ideológicos basilares. O principal deles foi a defesa sistemática da ditadura militar e, particularmente, de suas dimensões de terrorismo de Estado, como a tortura e a eliminação de opositores políticos. (BADARÓ, 2019, p. 169).

Considerando que o fascismo tem, dentre suas características, a designação de um inimigo comum à nação, logo o discurso de ódio e eliminação deste inimigo, somado ao discurso da restauração de tempos áureos, tempos de glória da nação por meio da ordem e controle social.

Bolsonaro sempre fez questão de declarar sua essência fascista ao exaltar torturadores da ditadura empresarial civil militar brasileira e popularizar o nefasto jargão de *bandido bom, é bandido, morto*, referindo-se especificamente às operações nas favelas e periferias das cidades.

Para entender os “pilares ideológicos do bolsonarismo” (BADARÓ MATTOS, 2019, p. 171) como representação emblemática do neofascismo no Brasil, é necessário considerar os novos elementos que passaram a compor seu discurso, posterior à reorganização da extrema direita no país após os movimentos de 2013 (Movimento Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre etc.). Assim importa ressaltar que:

o neofascismo não inventa teorias sociais novas, apropria-se e reinterpreta elementos do velho fascismo, mas também de outras formulações conservadoras difundidas nas últimas décadas (BADARÓ MATTOS, 2019, p. 171).

Bolsonaro se alia a pseudofilósofos difusores de ideias que mesclam o conteúdo mais miserável do conservadorismo ao senso comum e reciclam elaborações ultradireitistas estadunidenses do século passado. Em uma transposição desconexa (tempo-espço) da história, revivem um anticomunismo em um tempo histórico que (infelizmente) nem de longe estamos na iminência de viver, qual seja, uma revolução comunista. Contudo, essa narrativa é abraçada pela pseudoelite oligárquica brasileira, herdeira do coronelismo e do messianismo. Outros elementos do bolsonarismo são o nacionalismo subordinado (ao imperialismo), a misoginia e LGBTQI+fobia respaldadas pela teologia da prosperidade neopentecostal e difundidas nas campanhas do Escola Sem Partido, Ideologia de Gênero e na lenda do kit gay.

A realidade é que a ascensão de Bolsonaro ao cargo máximo do Estado brasileiro está assentada nas frações do capital mais fortemente submetidas aos capitais internacionais e nos setores da extrema direita com apelo ao apoio popular — às vezes ativo, às vezes passivo através da não oposição. A união desses elementos resultou no compósito ideológico corroborado pelo Judiciário, fundamental para todas as etapas deste grande golpe na tardia social-democracia brasileira. Esse processo ficou visível com a condução da Operação Lava Jato com a condenação de Lula sem provas, a evidente aproximação do governo brasileiro com órgão de inteligência e repressão dos Estados Unidos da América. A atuação de Sergio Moro foi emblemática: de juiz (carrasco do ex-presidente Lula para petistas e herói para bolsonaristas) foi à ministro da Justiça e Segurança Pública de Bolsonaro — comprovando despididamente sua imparcialidade e por quais interesses estava verdadeiramente zelando.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Nesse sentido, Löwy (2019) faz uma importante diferenciação do neofascismo de Bolsonaro da onda neofascista internacional. Segundo o autor, as diferenças são: “o fenômeno Bolsonaro” tem quase nada (ou nada) a ver com o fascismo brasileiro dos anos de 1930 (seus seguidores sabem muito pouco do que foi o integralismo); diferentemente da Europa, não houve, no Brasil, a permanência de partidos e movimentos declaradamente fascistas; apesar de declarações de cunho racista, esta não foi a bandeira principal de Bolsonaro, ou seja, o racismo não foi o mote mobilizador da sua campanha, diferentemente do que ocorre na Europa, por exemplo; o tema central que Bolsonaro usou para mobilizar e vencer a disputa eleitoral foi o combate à corrupção, que oportunamente foi canalizado contra o PT, além do modelo econômico ultraliberal, com mais privatizações e extremamente alinhado aos ditames imperialistas estadunidenses, com apoio do agronegócio e do capital financeiro; presença forte do neopentecostalismo mais radical ultrarreacionário. Entretanto, o autor ressalta que o que há em comum entre a extrema direita europeia, norte-americana e brasileira são:

(a) a ideologia repressiva, o culto da violência policial, o chamado a restabelecer a pena de morte e a proposta de distribuir armas à população para sua ‘defesa contra a criminalidade’; e (b) a intolerância com as minorias sexuais, em particular em relação aos homossexuais (LÖWY, 2019, p. 5).

O autor destaca que essas duas linhas de atuação foram decisivas para a vitória eleitoral de Bolsonaro em 2018. Claro que, com o desgaste do PT, outros candidatos poderiam levantar a bandeira da anticorrupção e do antissistema. Mas Bolsonaro foi o candidato capaz de reunir diferentes ressentimentos, diferentes expressões de ódio e violência, sobretudo, dar legitimidade à crítica superficial assegurada pela pseudoconcreticidade das fake news disparadas por robôs e replicadas tantas e tantas vezes, que se tornaram um gigante mítico pisando e arrasando todos os que se contrapusessem a ele, restabelecendo a ordem e a moral no País.

O neofascismo bolsonarista: é conservador na economia; apresenta-se moralista (e censor) na cultura e sociabilidade ao defender a família patriarcal heteronormativa pequeno burguesa; cultua da violência e da intolerância contra os(as) que sofrem com as desigualdades da sociedade capitalista patriarcal; prega o irracionalismo, o racismo, o machismo, o autoritarismo; e se mostra nada propositivo ou alternativo às contradições capitalistas. Não é uma política de conciliação, mas de total submissão de classe. Marilena Chauí sintetiza, do ponto de vista ideológico, o que Bolsonaro e o seu “totalitarismo neoliberal” significam:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ideologicamente, com a expressão “marxismo cultural”, os gestores perseguem todas as formas e expressões do pensamento crítico e inventam a divisão da sociedade entre o bom povo, que os apoia, e os diabólicos, que os contestam. Por orientação dos *consiglieri*, pretendem fazer uma *limpeza* ideológica, social e política e para isso desenvolvem uma teoria da conspiração comunista, que seria liderada por intelectuais e artistas de esquerda. Os conselheiros são autodidatas que se formaram lendo manuais e odeiam cientistas, intelectuais e artistas, aproveitando-se do ressentimento que a extrema direita tem por essas figuras. Como tais conselheiros estão desprovidos de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos, empregam a palavra “comunista” sem qualquer sentido preciso: comunista significa todo pensamento e toda ação que questionem o *status quo* e o senso-comum (por exemplo: que a terra é plana; que não há evolução das espécies; que a defesa do meio ambiente é mentirosa; que a teoria da relatividade não tem fundamento etc.). São esses conselheiros que oferecem aos governantes os argumentos racistas, homofóbicos, machistas, religiosos etc., isto é, transformam medos, ressentimentos e ódios sociais silenciosos em discurso do poder e justificativa para práticas de censura e de extermínio. (CHAUÍ, 2019).

Essa antítese entre “bom povo” e “diabólicos” nos remeteu à ideia de “bom escravo e mau trabalhador” que Clovis Moura apresenta no conjunto da sua obra, justamente pela ideia de contraposição ao sistema autoritário, degradante, violento e punitivo que transformou o bom escravo em mau trabalhador. Porém, *suas definições foram atualizadas* pelo capital-imperialismo, cuja superexploração do(a) trabalhador(a) aliada à exploração predatória do meio ambiente coloca em um patamar mais elevado os efeitos nefastos do neofascismo.

Outra questão importante para pensar a ascensão do neofascismo brasileiro após o golpe de 2016 é a categoria contrarrevolução preventiva dentro das particularidades da formação social brasileira. Para Virgínia Fontes (2021), tais particularidades incluem o nacionalismo fetiche daqueles(as) que usam camisa verde e amarela da seleção de futebol, bandeira nacional e que tem a capacidade de mobilizar ressentimentos de todas as ordens e canalizar sentimentos violentos.

Contudo, precisamos lembrar que, do ponto de vista macro, o fascismo histórico se consolidou como uma tendência característica da fase imperialista do capitalismo, que requeria condições patrocinadas pelo Estado para avanço do capitalismo monopolista. Apesar das contradições em reunir fascismo e liberalismo, dadas as suas caracterizações ideopolíticas e distinções sócio-históricas, que poderiam colocá-los até mesmo como inconciliáveis. Com as particularidades da formação social brasileira a combinação, fusão, com alternância de predominância de um ou outro, não nos parece algo totalmente desconhecido ou impossível. Por aqui, o neoliberalismo parece ter se afinado muito bem com o autoritarismo e o punitivismo, reproduzindo um neofascismo que precisa da crise para governar: medidas excepcionais, intervenções, mais leis punitivas passam a ser o estado normal e normalizado da sociedade. Essa ideia naturaliza o estado de exceção, pouco a pouco, lei por lei, medida provisória por medida

provisória, até alcançar a total ruína do Estado Democrático de Direito e estabelecer um sistema de governo irreversivelmente contra-insurgente.

Nessa perspectiva de análise, o neofascismo se consolida a partir de e para realizar as tarefas que o neoliberalismo arroga. Sua natureza nacional liberal é racista, violenta e precisa do Estado como sua máquina de guerra em defesa do capital e combatendo os segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora (ou aqueles que denominados vulneráveis). Portanto, o estado de contrarrevolução é o estado de guerra contra a população — aqui leia-se classe trabalhadora.

Em síntese, são características do neofascismo que encontramos no governo de Bolsonaro: a valorização de um mito nacional irracionalista; a seleção de um inimigo que possa ser responsabilizado por toda desgraça e desventura de toda uma sociedade (o discurso do *nós* contra *e/les*); o uso de símbolos e discursos envolventes e facilmente assimilados — a bandeira nacional e a camisa da seleção brasileira de futebol —, gerando um sentimento pseudonacionalista de classe média, com destaque para a dependência do capital internacional e a submissão à política externa e ao imperialismo estadunidense; e o uso da propaganda e da censura para manipular a população.

Portanto, esse mito nefasto que alçou o cargo maior da República Democrática do Brasil, assim o fez por meio do rito democrático com aval das instituições e estruturas do Estado Democrático de Direito. Isto não é algo irrelevante, muito menos é acaso. Bolsonaro deu (e dá) corpo e voz ao racismo estrutural, ao patriarcalismo agressivo, ao autoritarismo, ao mandonismo, ao patrimonialismo etc. É inegável o efeito deletério contínuo e progressivo de um líder político que representa o pior que se pode ter de caráter político, social e humanitário. Ele recebe e adere com ares e expressões de satisfação o papel de representante legitimador do que é politicamente incorreto, sobretudo, do que é desumano, do que se tornou indizível de tão pífio que pode ser. Sem negar o papel das forças políticas e a conveniência para o capitalismo a existência de um governo extremamente submisso ao capital imperialista como o de Bolsonaro. Estamos demonstrando que esta política fortalece, acirra e coloca em patamares mais complexos todas essas particularidades da formação social brasileira e, conseqüentemente, das expressões da “questão social”. Entretanto, tudo isso ocorreu porque teve apoio, teve ressonância em sujeitos na realidade cotidiana concreta.

Se nos dois primeiros anos do governo de Bolsonaro o tom da política foi autoritário e militarizado, com a pandemia, essas características não só se acirraram como foram somadas à

corrupção, ao descaso com as políticas sociais, principalmente de saúde e educação pública e à falta de transparência das ações do governo e da negligência dos segmentos da classe trabalhadora mais pauperizados e vulneráveis ao vírus e ao capital.

Observações finais

A investida neofascista que culmina com o governo de Bolsonaro, inicia-se muito antes, com ampliação da ocupação de cargos do legislativo (todas as esferas da federação) e executivo (estaduais e municipais). Desde que, para alcançar uma maioria parlamentar e garantir certa governabilidade, Lula fez a opção política de construir um projeto de governo com alianças com setores políticos de centro e centro direita. Caminho político que teve suas consequências, causou controvérsias e criou tensões internas no seu próprio Partido dos Trabalhadores. A aliança com forças conservadoras resultou em um governo que não realizou reformas estruturais progressistas. O que ocorreu foram mudanças políticas e econômicas que agenciaram certo nível de melhorias na vida dos segmentos mais pauperizados da classe trabalhadora, sem gerar diminuição de lucros para os grandes capitais e/ou prejuízos para as forças políticas que representam a burguesia interna. Logo, sem rupturas na ordem e salvaguardando os lucros exponenciais, especialmente dos banqueiros.

Sua sucessora não obteve tanto êxito com essa estratégia política. No momento em que a burguesia interna se retirou da frente majoritária estabelecida no governo Lula, ela renegou também o jogo político eleitoral da democracia. As consequências foram o aprofundamento da crise política do governo, que culminou na deposição da presidenta Dilma. O desfecho do golpe de agosto de 2016 significou uma ofensiva neoliberal restauradora do capital internacional e da fração da burguesia brasileira integrada a esse capital internacional.

A despeito da presença de diferentes frações da classe trabalhadora presentes neste processo, fundamentalmente direcionadas para questões e lutas de caráter reivindicativo de direitos sociais, as principais forças políticas no jogo eram de segmentos da burguesia interna subordinada ao capitalismo internacional. O que todo esse processo (desde a Operação Lava Jato ao *Impeachment* da presidenta Dilma) nos mostrou foi a correlação de forças políticas na construção de uma nova hegemonia, capitaneada pelo conservadorismo reacionário, levando diretamente a ascensão da extrema direita neofascista ao Poder maior do Estado brasileiro.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A racionalidade neoliberalista criminaliza a miséria, ao mesmo tempo que responsabiliza os(as) sujeitos(as) pela sua condição (individualizando e subjetivando a “questão social”), normaliza e normatiza o trabalho precário, mal remunerado — vivemos os tempos do microempreendedor individual, uma forma cínica de forçar a aceitação do desemprego, ou subcontratos, da venda da força de trabalho sem garantias ou seguridade social. Portanto, uma política de criminalização e punição ostensiva é fundamental para garantir a disciplina no trabalho precário, para dissipar descontentes e, sobretudo, controlar, silenciar e invisibilizar o enorme contingente populacional, que sobrevive em condições subumanas, àquele que excede à necessidade de acumulação ampliada.

O neofascismo se fortalece e governa através do medo. Este fenômeno ocorre em escala global, cujas semelhanças estão no fascismo histórico do início do século XX. O Brasil expressou a sua vergonhosa contribuição com Jair Bolsonaro na Presidência da República. Entretanto, a eleição de um governante neofascista não significa a instauração de um regime neofascista de súbito. O bolsonarismo consolidou-se como ideologia, com uma política neofascista através do discurso de ódio e da defesa da ditadura militar, exaltando sempre seus signos mais autoritários e violentos, como a repressão, a censura e a tortura. Portanto, a essência fascista de Bolsonaro é impossível de ser desapercibida, especialmente pela evidente referência nazifascista de seus *bordões*: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos; Deus, Pátria, Família., e suas emblemáticas frases de “defesa dos cidadãos de bem, que bandido bom é bandido morto e que direitos humanos é politicagem” presentes em seus discursos públicos ao longo dos quatro anos de mandato presidencial.

Partimos dos pressupostos de que o fascismo tem, dentre suas características, a designação de um inimigo comum à nação, ao qual correspondem o discurso de ódio e a eliminação deste inimigo somados ao discurso da restauração de tempos áureos, tempos de glória da nação por meio da ordem e do controle social. No caso de Bolsonaro, é a exaltação de torturadores da ditadura empresarial civil militar brasileira e a popularização do porte de armas; é o nacionalismo xenofóbico, racista, fundamentalista religioso, misógino e homofóbico; além do ódio irracional a tudo que é relacionado à esquerda. Assim, apropria-se de reminiscências do fascismo histórico e de outras formulações conservadoras e reacionárias disseminadas nas últimas décadas. É uma miscelânea de ideias que se originam de uma racionalidade política miseravelmente decadente, preconceituosa, racista, misógina, a-histórica e vão até a teologia da

prosperidade neopentecostal, nas campanhas do Escola Sem Partido, “Ideologia de Gênero” e do “kit gay”.

Verificamos alguns pontos importantes neste debate: o bolsonarismo é muito diferente do integralismo, do fascismo brasileiro dos anos de 1930. Acreditamos que, na verdade, Bolsonaro e bolsonaristas sabem muito pouco sobre o integralismo; não houve no Brasil a permanência de partidos e movimentos declaradamente fascistas ou integralistas, contudo, as semelhanças entre a difusão de movimentos fascistas no nosso passado e presente encontraram condições de fincar raízes, dada a nossa formação histórica e social, cujas classes dominantes cultivam na sua essência o racismo, o escravismo, a misoginia, o desprezo e ódio aos pobres. Apesar de estar presente nas suas falas e posições ao longo da sua carreira política, o racismo não foi a principal bandeira de mobilização da campanha de Bolsonaro nas eleições de 2018. O tema oportunamente explorado por ele e por bolsonaristas para mobilizar e vencer as eleições foi o combate à corrupção, para salvar o País de velha política. Portanto, o neofascismo bolsonarista: é conservador na economia; é moralista e censurador na cultura e nos valores sociais; cultua a violência e a intolerância contra os(as) que sofrem com as desigualdades da sociedade capitalista patriarcal; prega o irracionalismo, o racismo, o machismo, o autoritarismo; ao passo que não é propositivo quanto às contradições e desigualdades sociais. É uma política de total submissão de classe e de poder na geopolítica global do capitalismo. Em outras palavras, é a evidente dependência ao capital internacional e a subserviência à política externa e ao imperialismo estadunidense.

No Brasil, parece que a relação ajustada entre neoliberalismo, autoritarismo e punitivismo produziu as condições ideais para a instituição do neofascismo como poder político e ruína do Estado Democrático de Direito, com o grande auxílio da propaganda, censura e manipulação de informações. A valorização do mito nacional irracionalista, a construção do inimigo da nação, do discurso polarizado do *nós* contra *eles*, do recurso a símbolos e discursos envolventes e facilmente assimilados — como a bandeira nacional e a camisa da seleção brasileira de futebol — produziram um sentimento pseudonacionalista pequeno-burguês, sorvido pelos estratos mais abastados da sociedade.

Consideramos, por fim, a urgência de dedicarmos esforços para pensar em estratégias de enfrentamento para todo esse processo histórico, social, político e econômico, o fortalecimento de ideias e ações para a construção de outros caminhos frente à escalada neofascistizante.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Caminhos que desconstruam essa visão de mundo que coloca a criminalização da pobreza como uma das principais alternativas para enfrentar diversas expressões da “questão social”.

Obviamente que, dentro da ordem capitalista, cabe-nos a tarefa do posicionamento em defesa das garantias do Estado Democrático de Direito e da denúncia do arbítrio e da violência do Estado. Mas precisamos pensar para além das grades da racionalidade burguesa neoliberal.

REFERÊNCIAS

BADARÓ MATTOS, M. **A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CHAUÍ, M. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. **A terra é redonda**, 06 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/?s=Neoliberalismo%3A+a+nova+forma+do+totalitarismo> acesso em: outubro de 2019.

FONTES, V. **O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV; UFRJ, 2010.

_____. **Aula aberta inaugural: Fascismo e antifascismo no Brasil de hoje**. Canal Esquerda Online, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UdRIPcn3llw&feature=share&utm_source=EJGixlgBCJiu2KjB4oSJEQ Acesso em: 07 set. 2021.

LÖWY, M. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro.. **A terra é redonda**, 24 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em: abril de 2020.

MOREIRA, M. S. O enigma do governo Bolsonaro e os caminhos da democracia Brasileira. **Caderno CRH**, v. 35, p. 1-6, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tLYcZfwxbKLTwgcdysWrkQy/?format=pdf&lang=pt>.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2014.